

Pessimismo contagia consumidor do Rio

Os consumidores do Rio estão mais pessimistas quanto ao futuro do cenário econômico. É o que mostra o estudo Perfil Econômico do Consumidor, coordenado pelo Instituto de Pesquisas da Federação do Comércio do Rio (Fecomércio-RJ). De acordo com a pesquisa – que leva em conta dados de 1.416 consumidores, entrevistados entre os dias 18 e 21 de setembro – 22,37% das pessoas esperam uma piora do quadro econômico, contra 18,27% dos pessimistas contabilizados em agosto, antes da tragédia do World Trade Center.

“As pessoas sabem que podem vir a perder seus empregos. E os motivos foram os ataques. Não há nenhum outro fato novo que possa ter levado à acentuação do pessimismo. O consumidor fica contagiado com as expectativas negativas”, resume o coordenador de pesquisas da Fecomércio, Paulo Brück.

Menos esperança – Mesmo no médio prazo as pessoas estão menos esperançosas. De agosto para setembro, caiu de 32,19% para 28,35% o percentual de entrevistados que acreditam na melhoria da situação financeira nos próximos seis meses. O desânimo também se reflete no número de consumidores que prevêem uma piora do quadro. Os 13,66% em agosto se multiplicaram e já são 19,46% em setembro. A incerteza quanto ao futuro também é alta, já que quase 40% dos entrevistados têm dúvidas quanto aos próximos meses.

Ainda que o futuro esteja contaminado com as más notícias mundiais, Brück lembra que os problemas da economia não vêm de hoje. Prova disso é a alta já registrada nos preços. “A gente já vinha mal. Não deu tempo para que os aumentos sejam reflexo dos atentados. É cedo para isso”, ressalva.

Conta – Cedo ou não, o consumidor pagou a conta. Enquanto menos de 30% dos entrevistados disseram que pioraram financeiramente em agosto, o percentual subiu para 32,76% neste mês. A pesquisa revelou que, em setembro, subiram os gastos com as compras do supermercado (alimentação, higiene e limpeza). A alta nos gastos foi percebida por 61,79% dos entrevistados, contra 55,44% do mês anterior.

Em relação às contas fixas (aluguel, condomínio, luz, gás, telefone, escola, plano de saúde etc), também houve maior despesa, disseram 40,03% dos pesquisados – em agosto foram apenas 28,62%.

Nesse caso, avalia Brück, o motivo é bastante familiar e nada tem a ver com terrorismo, aviões seqüestrados e guerras. Segundo a Fecomércio, pode ter havido um relaxamento no cumprimento das metas do racionamento de energia. Ou seja, as pessoas gastaram mais com as contas de luz. “Eu, por exemplo, nem precisei pagar a conta de luz no mês passado. Mas este mês tive despesa”, ilustra o próprio coordenador da pesquisa.